

7 Conclusões, Limitações e Sugestões

Este trabalho sugeriu uma taxonomia que estimulasse o desenvolvimento dos estudos relacionados às empresas familiares brasileiras, fora das esferas de governança corporativa e processos sucessórios, porém num conceito classificatório mais amplo. Buscou-se escolher uma definição clara do que definiria uma empresa como familiar ou não e chegou-se à conclusão de que a adoção de uma escala que medisse o grau de influência da família na empresa, em detrimento de uma classificação dicotômica, seria mais intuitiva para o entendimento e a aplicação à realidade prática. De qualquer modo, adotou-se uma definição clara sobre em que ponto uma empresa seria considerada familiar quando controlada e/ou possuída por um ou poucos núcleos familiares, com intenção de perpetuidade desse controle e com interesse em que o destino desse negócio fosse o veículo para alcançar uma visão de futuro melhor para suas famílias.

Nesse sentido, seguindo a linha de Rutherford et al. (2008), para medir-se o quanto uma organização poderia ser considerada familiar, de acordo com a definição proposta, utilizou-se uma adaptação da escala de influência familiar F-PEC, introduzida por Astrachan et al. (2002). Posteriormente, foi analisada a validade da aplicação da escala adotada no cenário industrial brasileiro. Essa análise estatística mostrou que é possível aplicar a escala F-PEC, com pequenas modificações, no cenário das indústrias nacionais e que os resultados podem ser correlacionados às classes sugeridas pelo estudo.

Seguindo o exemplo de classificação de Sharma (2003), este trabalho aplicou a escala F-PEC de influência familiar para definir 27 categorias diferentes, com as combinações dos constructos Poder, Experiência e Cultura. Para cada constructo, foi encontrado um valor transformado em que a média da população é 0 e possui desvio-padrão 1. Com isso, os valores de cada variável variam de -3 a 3 desvios-padrão, assumindo valores baixos, médio ou altos.

Como os valores de cada classe são encontrados a partir da média da população, a taxonomia proposta neste trabalho tem cunho comparativo, e, na teoria, a classificação com valores médios para Poder, Experiência e Cultura teria a maior concentração de casos. De fato, a análise estatística mostrou que, como previsto, a Classe 14 possui a maior quantidade de casos.

Com o auxílio da FBN e do IBGC, foram coletados dados de 51 empresas brasileiras de diversos tamanhos e ramos de atuação. A coleta foi feita através de questionário eletrônico distribuído aos CEOs das empresas cadastradas nessas duas organizações. Após o devido tratamento dos dados recebidos, a análise estatística identificou cinco tipos de empresa, referentes aos táxons 14, 13, 11, 10 e 5, com predomínio do primeiro.

Essa análise se iniciou com uma validação dos constructos da escala F-PEC e posterior análise hierárquica e não hierárquica de clusters, resultando nos grupos referentes aos táxons já citados. Pôde-se identificar que essas classes estão relacionadas a valores de medianos a baixos de cada subescala, mostrando que não existe um grupo de empresas que possua Poder, Experiência ou Cultura acima das médias das demais empresas. Isso pode se dar pelo tamanho reduzido da amostra ou ser, de fato, uma característica da indústria. No caso da segunda hipótese, poderíamos concluir que as empresas familiares nacionais recebem, em média, grande influência dos grupos familiares que as compõem. Os tipos encontrados também demonstram que Poder é a subescala mais equilibrada entre as empresas, pois somente seis empresas possuem controle baixo relacionado às demais. Isso reforça a hipótese de que o controle das empresas familiares está bastante centralizado nos membros familiares.

Analisando a correlação dos grupos de empresas com outras variáveis, pôde-se identificar uma possível relação, embora fraca, com a quantidade de funcionários. Esta é uma medida muitas vezes empregada para definir o tamanho da empresa. Sendo assim, analisando essa correlação, pode-se criar uma hipótese de que, quanto maior a quantidade de funcionário, e, portanto, o tamanho da empresa, menor seria a influência que a família exerce sobre ela. O teste dessa hipótese fica como sugestão para pesquisas futuras, nas quais outras variáveis, além da quantidade de funcionários, sejam levadas em consideração para medir o tamanho real da empresa e sua relação com o táxon encontrado.

Também como sugestão para trabalhos futuros, a análise da relação entre os táxons e as variáveis que medem o desempenho das empresas pode trazer grande auxílio na identificação de um posicionamento estratégico ideal e suporte ao uso da taxonomia proposta como indicador desse posicionamento.

Durante a pesquisa, o tamanho da amostra mostrou ser o maior limitador do estudo, por isso seria muito interessante a aplicação dos testes realizados em uma quantidade superior de respondentes. A inclusão de empresas bastante heterogêneas quanto à definição de familiaridade também tende a enriquecer o trabalho, resultando, teoricamente, em uma quantidade maior de grupos encontrados.

No tocante ao questionário utilizado, a escolha de faixas de percentuais para a subescala Poder também pôde ser vista como um limitador do estudo; pois, ao utilizá-las, reduziu-se o grau de precisão da análise dessa subescala. Diante disso, sugere-se o uso de medições mais precisas em pesquisas futuras.

7.1. Considerações Finais

No tocante ao estudo dos negócios familiares, os esforços de pesquisadores e teóricos, ao longo do tempo, em desenvolver métodos de medição precisos para identificar o que torna essas empresas singulares acabam por originar ideias e teorias tão heterogêneas, que situaram o ramo de pesquisa numa verdadeira selva de teorias concorrentes, como citado por Rutherford et al. (2008).

Recentemente, a pesquisa que busca identificar o quanto uma empresa é familiar está tomando um rumo de medições não dicotômicas que parecem mais razoáveis quanto à aplicação prática. O trabalho de Astrachan, Klein e Smyrnios (2002) traz grande estímulo nesse sentido, definindo uma escala prática para medição da influência da família nos negócios.

Neste estudo, a aplicabilidade da escala F-PEC mostrou-se de extrema ajuda para tentar elucidar as principais características que regem a influência familiar nas empresas. De fácil adaptação, a escala pode ser aplicada no cenário brasileiro, auxiliando e incentivando as pesquisas na área. Da mesma maneira, a taxonomia proposta aqui serve como ponto de partida para pesquisas futuras de identificação dos principais tipos de empresas existentes no Brasil ou no exterior.

Sempre buscando a parcimônia entre simplicidade e poder explanatório, novas teorias e sistemas de classificação podem surgir a partir deste incentivo. Isso porque, mais do que nunca, é importante analisar os fatores estratégicos das influências da família em seus negócios e como isso reflete em seu desempenho.